Animatógrafo

N.º 74 (3.ª SÉRIE) — LISBOA, 7 DE ABRIL DE 1942 — DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO — PUBLICA-SE ÀS TERÇAS-FEIRAS — PREÇO: 50 CTVS

FILMES PRECISAM-SE

A época que atravessamos é única na nossa história. Seja em que campo fôr da actividade nacional os processos, as directrizes e as idéias têm de ser moldados segundo as circunstâncias de momento, adaptados às necessidades existentes da hora que passa.

Os erros, o marasmo de ontem, as dúvidas e os temores que por costume se levantavam não servem de momento.

Êsses erros, êsse marasmo, essas dúvidas repetiam-se porque os elementos opinantes eram sempre os mesmos.

Hoje impõem-se consultas novas. Necessitam-se opiniões mais largas, mais vastas sôbre cinema. Sôbre principalmente a idéia cinema integrada no momento que a nação atravessa.

O momento é da acção. O momento exige aventura, audácia, persistência e fôrça de vontade.

As idéias de ontem não servem. Os números de ontem estão errados porque a situação do país é diferente.

O movimento impulsionador do cinema está integrado na idéia geral da renovação das actividades do país.

Têm de falar sôbre êle todos que nessa renovação geral intervêm.

O sentido exacto das necessidades do momento das possibilidades novas da nação é o único guia, o conselheiro mais útil, mais seguro, mais verdadeiro.

Todos sabem que a produção estrangeira vai faltar.

Hoje, amanhã, qualquer dia a crise tem de se dar. Só dentro de anos retomará o seu ritmo habitual.

Não podemos esperar pelo dia do seu retôrno. Temos que substituir o filme estrangeiro pelo filme nacional.

Vão ser precisos filmes. Venham filmes, feitos por nós com material adquirido por nós, que outros não puderam aproveitar; com artistas nossos, técnicos nossos e capitalistas nossos.

Não vamos fazer filmes para acabar com a produção estrangeira, mas para ocupar um lugar vago pela sua ausência, proveniente duma situação para a qual fomos e somos felizmente dos cinco países do Mundo que nunca deram um passo para a criar, mas antes a pretenderam evitar pelo exemplo da sua irrepreensível conduta.

Mas desde que essa situação se criou, para mal de todos, temos de aproveitar essa circunstância para trabalhar para marcar uma posição sue não signifique renuncia, mas virilidade.

Não podemos nem queremos isolar-nos, mas queremos caminhar, vencer e trabalhar.

Não podemos parar. Não podemos nem devemos esperar melhores dias.

Quando êsses dias vierem a nossa posição tem de ser outra — mais forte, mais nossa, mais portuguesa.

Quando os outros voltarem, nós cá estamos ocupando o lugar que só a nós pertencia e que os nossos erros lhe tinham cedido.

Eles serão recebidos com sincera alegria mas dentro dos limites que o desenvolvimento da indústria nacional lhes consinta.

Não aceitaremos sòmente. Trocaremos, na medida do possível, o nosso bom pelo bom dêles, o nosso fraquinho por todo êsse fraquinho que também temos aceite.

Isto não é patriotismo exagerado. Isto é defender, pugnar, zelar pelos interêsses de todos que vivem e trabalham no cinema. Isto é fazer com que nada falte a quem tudo procura.

O pão do espírito ou o pão da boca, tem que ser ganho por nós, angariado por nós, com os nossos recursos com a nossa actividade.

O Cinema é necessário. Não vem de fora. Arranja-se cá dentro, aproveitando, recrutando, mobilizando tôdas as nossas energias, vocações, tendências e aptidões.

Basta de lamúrias sôbre a nossa pobresa.

Nos momentos mais cruciantes da nossa história, soubemos sempre encontrar nos nossos recursos a fôrça que nos impôs, perante todos, e soube vencer as mais terríveis provações.

Essa fôrça, ressurgirá de novo em todos os campos em que tivermos necessidade de a impor.

Agir e seguir em frente consoante a idéia unânime que hoje felizmente preside ao ressurgimento do País.

O momento é único, disse A. L. R.

É êste momento que não deixamos perder sem um protesto veemente.

É êste momento qúe não consente perder tempo em elogios escusados, ou ficar de braços cruzados à espera do desfêcho da última discussão sôbre o caso do cinema.

É neste momento que têm de intervir em defesa do cinema todos, absolutamente todos, para quem a idéia do revigoramento da nação não fez parte dum grupo mas da união de tôdas as consciências sãs do País.

A indústria do cinema não tem confronto com outras indústrias, mas se quiserem fazer confronto, que êle se faça com a única idéia de saber qual a indústria que mais depressa se organizou, se engrandeceu e se impôs.

Essa comparação vamos fazê-la. O cinema venceria estamos certos.

Porque àcêrca da opinião de meia dúzia para quem ainda a inveja, o sectarismo, servem de base às suas opiniões existe a corrente formidável do público, êsse grande público que paga o seu bilhete. Êste está com a nação, êste quere filmes.

Êste tudo fará para não se sujeitar ao regime de espectáculos de cinema racionados.

Confiados na grande fôrça da nação um único caminho existe: Agir em frente e depressa.

SILVA BRANDÃO

Mais um filme português

AS FILMAGENS DE

«O Costa do Castelo»

DEVEM TERMINAR ESTA SEMANA

Entrevistado para «Animatógrafo» Arthur Duarte fala do seu filme e faz declarações sôbre o Cinema Português



Uma fotografia de trabalho de «O Costa do Castelo». Arthur Duarte dirige os artistas enquanto Aquilino Mendes espreita pelo visor

O CINEMA PORTUGUÊS CONTINUA!..., assim se escreveu na dupla página do suplemento ao n.º 1 da 2.ª série de «Animatógrafo» a propósito do filme «Pôrto de Abrigo». De então para cá o Cinema Português continuou e bem, produzindo-se neste espaço de tempo o maior número de filmes de que há memória desde o advento do cinema sonoro em Portugal.

A Tobis Portuguesa depois de iniciar a produção de «Lôbos da Serra» já estreado, produziu «Ala Arriba», em véspéras de estreia, e «O Costa do Castelo» cujas filmagens devem terminar esta semana.

«Animatógrafo» é um jornal de cinema que defende acima de tudo o Cinema Português acompanhando com o maior interêsse e largo desenvolvimento informativo a realização dos filmes nacionais. Terminando esta semana, se o tempo o permitir, as filmagens de «O Costa do Castelo» era dever dizê-lo aos nossos leitores. Não o quizemos fazer numa notícia perdida entre as muitas que semanalmente damos. A conclusão das filmagens dum filme português tem para nós o mesmo valor que o seu início ou a sua estreia.

Por isso mesmo lhe damos o relêvo que merece.

Quisemos também que a notícia viesse acompanhada de mais alguma coisa e fomos até ao Lumiar para ouvir da bôca de Arthur Duarte, o realizador do filme o que era indispensável que ouvissemos para o podermos transmitir aos nossos leitores.

Não temos por hábito dizer coisas que assim não são e por isso não vamos dizer que a Tobis estava em plena laboração, que haviam muitos projectores dispersos, que ao entrarmos a porta da Hollywood portuguesa encontramos a vedeta A ou B que saía no seu carro levando ao colo o seu cachorro preferido que o actor C conversava animadamente com D que tinha vestido um elegantíssimo fato de *sport*, etc. etc....

Vamos relatar com a maior simplicidade o que vimos e ouvimos no estúdio da Tobis Portuguesa.

Ouvindo Artur Duarte

— Foram filmar uns planos para a Costa do Castelo mas devem estar a chegar — diz-nos José Malveira o homem que desde a fundação da Tobis Portuguesa ali trabalha dirigindo neste momento a construção dos últimos cenários do «Costa do Castelo».

Enquanto esperámos por Arthur Duarte com quem tínhamos interêsse em falar démos uma passeata pelos terrenos do estúdio.

Soubemos que na sala de projecção estavam a passar em sessão privada o filme de Leitão de Barros «Ala Arriba».

A ela assistiam o dr. Rodrigues Pinto administrador-delegado da Tóbis, João Ramos, proprietário do S. Luiz, Fernando Santos gerente da Sonoro Filme, o nosso camarada de redacção Fernando Fragoso secretário de produção da Tobis, o realizador, o montador e mais alguns colaboradores.

Pouco tardou Arthur Duarte.

Sentados frente a frente demos início ao ali nos levara.

É certo que terminam esta semana as filmagens?

— Espero que sim, de resto estamos ainda dentro do plano estabelecido. Previmos doze semanas de trabalho e esta é a undécima.

Oxalá o tempo se mantenha bom. E já agora deixe-me dizer-lhe uma coisa que vai parecer-lhe paradoxal: a facilidade com que têm decorrido todos os trabalhos e a não existência do menor contratempo tem banalizado a execução do filme. Tudo decorre como havíamos previsto antes de se iniciar as filmagens e nada veio ainda perturbar a boa marcha dos trabalhos.

Deve-se bastante a Saint Léonard o excelente resultado obtido. Armando Malveira foi também um grande colaborador e só tenho que lamentar que circunstâncias da sua vida particular o tenham impedido de cooperar nas filmagens.

«O Costa do Castelo» é uma comédia não é verdade?

— Depende. Se me preguntar se se trata duma comédia a fugir para a farça dir-lhe-ei que não. Se quiser saber a que género dentro da cimédia o filme pertence posso dizer-lhe que é uma alta-comédia. Tem os seus problemas e as suas soluções.

O público vai rir com as situações em que os personagens se encontram. Não há neste filme as habituais ideias dos realizadores, os seus desarrincanços, os seus rodriguinhos. Há sim uma acção de tal modo condensada que se fôsse necessário era impossível cortar uma só cena.

Existe uma história que se pretende contar bem contada.

— Sendo uma peça de teatro acha que o seu valor anedótico possui as condições suficientes para que resulte bem em cinema?

— Absolutamente. A peça é uma comédia agradável de que se aproveitou a intriga numa feliz adaptação cinematográfica.

João Bastos e Fernando Fragoso que adaptaram a peça original do primeiro fizeram um trabalho digno de elogios. Enquanto que no teatro «O Costa do Castelo» se desdobrava em dois quadros no cinema tem nada menos de vinte e quatro quadros tantos são os *décors* interiores não fallando nos exteriores, onde decorre a acção.

— A escolha da peça de João Bastos para um filme obedeceu a alguma intenção especial?

— Sim. A opinião dos capitalistas é de que o público precisa de divertir-se e vai em maior número ver uma comédia do que um drama. Consideram que a comédia é o género que se deve fazer neste momento.

No entanto eu preparava um outro filme: «Pena de morte» mas era um drama...

Estando na última semana de filmagens o filme deve estar portanto bastante adiantado?

(Conclui na 2.ª pág.)



Uma cena do filme, Milú, Mendonça de Carvalho e Fernando Ribeiro (de costas) conversam

(Continuação do número anterior)

EXISTE O «GRETAGARBISMO»?

O homem que vê estas coisas e a mulher que também as contempla, dia a dia, estão recebendo em suas mentalidades uma gôta de água que ao cabo de algum tempo deforma as mentes, ainda as mais sólidas.

Porque, pelo Cinema, o homem que vive no recanto mais afastado do mundo recebe uma magnífica lição de anatomia feminina e a mulher contempla na tela o herói que é sempre um marido pateta que nada exige e paga sempre.

As boas espôsas do Cinema quási sempre executam os seus labores domésticos em cozinhas que parecem recantos de «boudoir» e com tôda a espécie de máquinas, que utilizam para as mais variadas tarefas. E êste «apetrechamento» falso acorda dentro da alma da mulher impulsos de rebelião, gritos de independência para se libertar do jugo do dever diário.

Êste exótico (que algumas vezes sai das normas anteriormente esquematizadas) cria nas gentes um estado de descontentamento. A maior parte dos esposas não são Gretas Gargos e quási todos os maridos não estão conforme os esposos da tela.

Além disso, o «panorama» que o Cinema apresenta é outro dos factores que promovem a nostalgia longínqua de um mais além que não existe. A vida rotineira da pequena cidade move-se dentro de limites bastante estreitos. A contemplação destas perspectivas faz sonhar com cenários inverosímeis e aborrecer o lugar onde se movem as nossas vidas com tôda a sua crua realidade.

Motivo de sobra para o *descontentamento*.

Esta nova arte-indústria entrou em tôda a parte com intensidade e criou massas enormes de seres que se consideram deslocados.

Ao caminhar por esta pista criada pela civilização moderna, o homem resulta econòmicamente mais rico e espiritualmente anémico. A vida interna, à fôrça de receber patadas emocionais, vai adquirindo uma couraça que necessita fortes estímulos externos para que produza dentro de nós alguma reacção. Assim, surgiu e propagou-se o *sensacionalismo*, a publicidade mórbida do Cinema. Actualmente são estimulantes mais fortes que o café, o tabaco e o alcool. A fôrça de viver sob o influxo destas potências, convertêmo-nos em seres preguiçosos. Penaliza-nos caminhar grandes distâncias e usamos o automóvel (não importa que seja difícil de pagar). Lemos os jornais, ouvimos a rádio e, assim, recebemos notícias e ideias pròviamente digeridas e observadas pelos magnates da publicidade. Então, ¿para que nos damos ao cuidado de pensar?...

A opinião do mundo está sindicada.

Olha-se a vida sem um sorriso nos lábios. O rir é pecado.

Constituímo-nos num exército de seres débeis e onde podem germinar as mais variadas perturbações.

E ao passear-se entre as anomalias que regista a Medicina *psicisomática*, veio-me à ideia o meu amigo, o bom pastor, aquele mestre que comentava de maneira tão sábia os transtornos que originam os desgostos, a verrinice, os dissabores e não me foi possível esquecer uma frase na qual o grande filósofo sintetizava a investigação da ciência actual:

«Não há maior mal que o descontentamento de cada um...»

* * *

A doutrina do dr. Júlio Cantala não é nova. Teve outros adeptos, alguns dos quais pessoas de nomeada, cujos argumentos levantaram polémica, mas que também repousam já na vala comum das ideias ôcas, ou — melhor ainda — das ideias aceitáveis, mas servidas por idealistas parciais e incompetentes.

Não devemos errar muito se, de início, fizermos esta correcção: onde o dr. Júlio Cantala diz *descontentamento*, devia ter dito *ambição*. De resto, êle próprio explica o significado do termo descontentamento, chamando-lhe *ambição não satisfeita*. Mas, para levar a água ao seu moinho e complicar as coisas, esquece-se dessa definição em todo o arrazoado. Assim, tôda a sua argumentação cai pela base. Os Os pobres mortais, que frequentam as salas de espectáculos cinematográficos, não constituem turba de descontentes. Quando muito cada um dêles será um ambicioso.

A *descoberta* dum mundo melhor (feita nos cinemas) não gera descontentes, indivíduos que vão para casa chorar a triste sorte de viverem como vivem. Pelo contrário, o espectador de Cinema, perante a visão dum mundo recheado de coisas mais belas e melhores, fica a padecer do mesmo mal, que enferma quem lê jornais e revistas, quem ouve a telefonia, quem olha para as montras apetitosas dos armazéns e das lojas — que outro não é senão o desejo de melhorar a sua existência, vestindo e calçando com mais elegância, deitando-se em leitos mais confortáveis e, para abreviar — usufruindo o produto duma civilização e dum progresso de que o cinema não é o único a fazer a propaganda. É, portanto, inexacta a afirmação de que «o veículo principal que propaga tal estado de insatisfação é o Cinema».

Por outro lado, é hoje da sabedoria das nações que, mediante melhor ou pior argumentação, se considera o Cinema a 7.ª Arte. De resto não tem sido pequeno o número dos que industrializaram essa arte ao ponto de mal a podermos identificar. Mas o que nunca se poderá dizer é que «o cinema é uma manifestação industrial com pretenções artísticas» e que «não é uma arte porque é desprovido de espontaneidade». Quanto a esta última opinião (pois já destruímos a primeira) preguntaremos: qual é a arte que se pratica com espontaneidade? Nenhuma. Para sermos mais exactos, corrigiremos a resposta, corrigindo a pregunta. Em tôdas as artes a espontaneidade não é questão essencial. As grandes obras-primas são, regra geral, rebuscadas, corrigidas, refeitas e amadurecidas.

No que toca à moralidade «sui generis» do cinema, devemos concordar que ela é produto da imaginação do dr. Júlio Cantala. O próprio cinema americano, culpado de muitos erros dessa natureza, em 99 % dos casos é duma moralidade lapidar. As fitas mais rudimentares de Hollywood (consideradas — injustamente quanto a nós — como tal as de «cow-boys») são escrupulosas em questões de moral.

Somos de opinião que o «Gretagarbismo» é um mito. Mais do que isso: um produto da época, que tem os dias contados. A política da *vedeta* tende a desaparecer. As grandes «fábricas de ilusões» reconheceram já a necessidade imperiosa de apresentar todos os dias caras novas. Uma das razões essenciais dessa nova política é o facto de não haver hoje quem seja capaz de decorar, como há 15 ou 20 anos, todos os nomes das «estrelas». Antigamente, era possível coleccionar-se retratos de todos os artistas de cinema. Êles eram meia-dúzia; contavam-se pelos dedos. Era fácil reter na memória a pequena lista de nomes famosos.

Hoje, com o extraordinário desenvolvimento da indústria fílmica, os estúdios viram-se na necessidade de centuplicar as listas do pessoal. Há artistas, em Hollywood, que nunca vimos ou em que nunca reparámos; e alguns deles são célebres, tão célebres como o Clark Gable e o Tyrone Power. Essa multiplicação trouxe como resultado imediato a impossibilidade de fixar milhares de nomes.

Fenómeno curioso e que todos podem verificr, êsse da falência da política das *vedetas*. Noutros tempos ia-se ver o artista fulano. Hoje vai-se ver, sobretudo, o filme tal. É certo existirem ainda restos dessa admiração por êste ou por aquele actor; mas, apenas restos.

O «gretagarbismo» ainda vigora, mas é lei que espera revogação, embora esta venha mais longe do que supomos.

Mas, seja como fôr, não é ao «gretagarbismo» que devemos atribuir as culpas de haver (a-pesar das horas agradáveis que o Cinema nos proporciona como espectáculo) alguns descontentes, dos quais o dr. Cantala é exemplo singular e misterioso, pois desconhecemos as verdadeiras razões que o levaram a detestar a 7.ª Arte ao ponto de a comparar à peste — pior que o cancro.

Sim, é caso para preguntar:

«Que mal lhe fez o Cinema para mostrar tamanho descontentamento, doutor?»

RAÚL FARIA DA FONSECA

O que nos disse ARTHUR DUARTE

(Conclusão da 1.ª pág.)

—Mais uma vez a organização metódica e cuidadosa facilitou muito a tarefa.

Não houve o mais pequeno entrave. O Conselho de Produção — outra inovação estabelecida neste filme — tem acompanhado muito de próximo todos trabalhos. Tôdas as semanas é projectado o que está feito.

Posso afirmar-lhe que vinham como é hábito dizer-se «de faca afiada» e em vista da qualidade de material não tiveram remédio senão guardá-la. Antes assim. É bom para todos.

Os intérpretes têm correspondido à sua confiança?

Absolutamente. De todos quero destacar Maria Matos num papel que interpreta de maneira extraordinária e onde vai como só ela sabe ir. António Silva no *Costa* é outro grande artista que sabe valorizar a personagem que lhe compete. Milú e Fernando Ribeiro duas revelações. Tereza Casal num papel ingrato, mas que defende muito bem. Manuel Santos Carvalho e outros fazem parte do elenco dêste filme onde há sempre ocasião para evidenciar o valor do artista. Hermínia Silva a popular fadista dos nossos teatros de revista tem neste filme um papel curioso.

Um reparo: o fado no «Costa do Castelo» é apenas uma caricatura alegre e jovial que por certo vai agradar.

Dois artistas há neste filme que são duas figuras da vida real: Maria Olguim e João Silva. O público quando fôr ver o filme compreenderá o meu entusiasmo.

Dos técnicos?

—Conseguiu-se oganizar na equipe técnica de «O Costa do Castelo» um grupo de rapazes de indiscutível valor. São eles em grande parte o grande êxito de organização do filme. Compreenderam o que era preciso e têm-no cumprido.

Saint Leonard profissional de grande valor é um deles. Lamento a necessidade de o ter dispensado da equipa de filmagem para o seu cargo de montador, mas o praso da sua estadia em Portugal vai expirar e é preciso que o filme esteja pronto dentro da data prevista.

Aquilino Mendes na fotografia, Sousa Santos no som, Raul Faria da Fonseca nas maquetes dos cenários, Antero Faro na decoração, José Malveira na construção dos cenários, Júlio de Sousa na caracterização, cargo que pela primeira vez assume sózinho num filme e de que se sai muito bem, Raul Campos e Afonso Costa dois excelentes pintores, além de todos os ouga, Oscar Acúrcio, etc., deram o melhor do seu saber da sua vontade e da sua amizade.

As canções são de António Melo e a música de fundo de Jaime Mendes.

As letras são de João Bastos com uma canção de Silva Tavares.

Façam-se filmes portugueses

—Crê que «O Costa do Castelo» vai constituir um êxito?

—Nunca se sabe. Posso porém dizer que tenho bastante confiança. Se assim não fôsse nunca o faria.

—O desenvolvimento do Cinema Português deve interessar-lhe bastante, concorda portanto que cada vez devemos produzir mais e que o seu filme apesar de ser feito numa altura em que se estrearam três filmes seguidos e um em vésperas de exibição não vai constituir um desastre de exploração?

—Se partisse do princípio que a fita desse prejuízo nem sequer propunha a sua execução aos produtores.

O maior número de filmes portugueses não nos pode prejudicar, pelo contrário só nos beneficia.

A execução de filmes em sistema de continuidade é a melhor forma de obter um bom equilíbrio comercial.

Sendo um realizador sou também um comerciante de cinema. Para mim um filme é bom se constitui êxito comercial e é mau se é um fracasso.

Pode o filme que fracassou na bilheteira ter excepcionais qualidades que para mim é um mau filme.

«Os Fidalgos da Casa Mourisca» era um mau filme segundo a opinião de muita gente, mas posso garantir-lhe que foi um bom filme para os produtores. Deu dinheiro: eis tudo.

Arthur Duarte levanta-se e fala a um dos empregados. Da escada que conduz à sala de projecções ouvem-se vozes e risos. Desce o dr. Rodrigues Pinto. Vem sorridente. Terminara a projecção de «Ala, arriba!».

Arthur Duarte despede-se de nós e sobe a escada. Vai iniciar-se a projecção de «O Costa do Castelo» para o Conselho de Produção.

Afastamo-nos. Aquilino Mendes aparece ao pé de nós.

Conversámos um pouco e como era inevitável falámos no «Costa do Castelo».

Aquilino Mendes declara-se pouco à vontade com o género de filme. Não se sente bem, mas emfim, do mal o menos.

Gostaria de trabalhar num filme de ambiente dramático. Mas nem sempre as coisas correm à medida dos nossos desejos.

—O Duarte sim. O efeito vai ser inesperado. É o melhor trabalho dele.

Despedimo-nos. Aquilino Mendes sobe para a projecção.

Saímos a porta do estúdio e cá fora pensámos sôbre várias coisas, demos uma volta e entrámos outra vez. Encontrámos Leitão de Barros e num táxi até à porta de sua casa conversámos sôbre cinema.

Cinema Português, claro está.

JOÃO MENDES

A FEIRA DAS FITAS

Casamento escandaloso

(The Philadelphia Story)

Todos os problemas e tôdas as discussões do argumento cinematográfico, das fronteiras do teatro com o cinema, e dos limites a que deve aspirar um espectáculo, sobrenadam nas considerações que «Casamento Escandaloso» nos sugere. A experiência desta fita, onde a actuação de todos os elementos é particularmente perfeita, pode aproveitar-se para dela tirarmos lição o mais extensa possível. Não se julgue, no entanto, que vamos escrever colunas de prosa compacta, bordada sôbre tão rica matéria. Trabalho inútil. Os resultados de quanto se fez são particularmente evidentes para quem estiver habilitado a ver bem o filme e perdem todo o significado para quem não se encontrar em condições de o fazer. Tudo que, da nossa parte, fôsse além de apontar os factos que nos parecem mais de meditar, seria, segundo nos parece, escrever com inutilidade.

Apontemos então. Problemas do argumento. Um que só ao argumento pertence, outro dividido entre o argumento e a encenação. O primeiro: sem esquecer que o cinema é um espectáculo que se dirige a milhões de indivíduos, sem esquecer que tem exigências industriais, mas não esquecendo, igualmente, a missão cultural de que deve encarregar-se, até que ponto é lícito ao Cinema, criar um espectáculo cuja profunda compreensão está acima das possibilidades de cultura da quási totalidade dos milhões de indivíduos a que se dirige.

«Casamento Escandaloso», é uma sátira superior, de sentimentos e de momentos cruciais da vida americana, onde certos conflitos adquirem uma agudeza muito especial. O público não a aprecia sob êsse aspecto e não tira daí a menor lição. Corre, até, o perigo de interpretar intenções em sentido contrário. «Casamento Escandaloso», portanto, condenado sob êste aspecto? Nada disso. Sempre que um esfôrço procura atingir dentro dos milhões, um sector ou um nível de público, isto é, zonas de público especial em superfície ou em profundidade, a sua importância cultural confere-lhe regalias especiais. Há mais, além disso. O outro ponto de vista que joga com êste — é industrial, indispensável para a vida do Cinema. «Casamento Escandaloso» que não triunfa pelo seu maior valor que é o significado profundo, levanta aqui, segunda observação proveitosa: os elementos acessórios — encenação, diálogos e a prodigiosa interpretação — emprestaram-lhe valores secundários que, só por si, são capazes de despertar o interêsse dos espectadores e promover a sua justificação comercial.

Segundo aspecto: é justo chamar a «Casamento Escandaloso», e a outras fitas do mesmo tipo de acção «fitas teatrais»? Porque não? Mas convém esclarecer que só por uma atitude completamente artificial se empresta a essa classificação uma intenção pejorativa. O Cinema é, na mais límpida definição uma linguagem. Daí, o que mais interessa é se sai clara, emotiva e bem construída a exposição do que se conta na fita. Se sai — dominou-se a linguagem — a fita tem Cinema. É o que acontece com a realização de George Cukor, em «Casamento Escandaloso», por muito teatral que lhe chamem.

Porquê nesse caso, a designação de «fitas teatrais». Porque o argumento, o estilo da encenação e, secundàriamente, o da representação podem ser teatrais, como um romance pode ser «teatral» ou «cinematográfico», como se pode chamar «cinematográfica» a uma peça de teatro.

Neste bom, honesto e esclarecedor sentido deve chamar-se a «Casamento Escandaloso» uma fita teatral, completamente teatral, porque tudo, da acção à representação, da encenação aos diálogos tudo é teatral. Claro dentro desta classificação, continua a haver boas e más fitas teatrais. «Casamento Escandaloso» — é muito boa.

Para isto concorre o trabalho impecável de todos os elementos em colaboração, muito especialmente a acção e diálogos de Philip Barry, a direcção de George Cukor e a soberba interpretação de Katherine Hepburn, James Stewart, Cary Grant e Ruth Hussey, que desempenham os principais papéis. — F. G.

Os tios da traquina

(A little bit of heaven)

Compreendo perfeitamente que Joe Pasternak insistisse nos mesmos elementos que fizeram de «Traquina Querida» um filme delicioso. Pena é que o novo argumento não tenha as mesmas qualidades do primeiro. Nem a história nem os episódios e *gags* devem desta vez grande coisa à imaginação. O filme, no entanto, possui condições de agrado, porque muitos dos seus momentos conseguem divertir e porque é interpretado por uma multidão de actores de primeira ordem que dá gôsto ver trabalhar.

Gloria Jean não está a ter a sorte que teve Deanna Durbin. A carreira triunfal desta última foi devida em grande parte à feliz inventiva dos argumentistas dos seus filmes, que souberam imaginar sucessivas histórias, cheias de originalidade, de frescura e de espírito, com uma regularidade que roçou pelo milagre. O argumento de «Traquina Querida» — o primeiro filme de Gloria Jean — pertencia à mesma veia. Mas o dêste filme — o seu terceiro filme, salvo êrro — já não tem a densidade, a boa urdidura, a fantasia original que distinguiam o primeiro. Quanto a êste último ponto observarei apenas que tornam a empregar uma das boas ideias de *First Love* («Primeiro Amor de Gata Borralheira»): a prisão, pelos polícias cúmplices, das personagens que era necessário escamotear para honra e glória da pequena heroína.

A divertida familória de «Traquina Querida», o seu «dicionário de tios», os dois miudos endiabrados e o seu gordo e ridículo papá, voltam a aparecer desta vez e a entreter o espectador com as suas bizarrias e as suas extravagâncias. C. Aubrey Smith é de novo o avô espirra-canivetes, mas terno e compreensivo. O papel do pai foi entregue desta vez ao excelente Hugh Herbert. Frank Jenks voltou a personificar o Tio Dan, que vive de expedientes mais ou menos trapaceiros. Nan Grey foi «promovida» a irmã da «Traquina». Billy Gilbert passou de jardineiro a dono de um restaurante, onde os seus dois «amores» de filhos (Butch e Buddy) continuam a arreliar-lhe os fígados. Noutros papéis aparecem Robert Stack (que está mais magro, o que torna ainda mais evidente a excessiva boniteza dos seus dentes), Stuart Erwin (com a mania — que podia ter sido melhor explorada — de coleccionar botões), Eugéne Pallette (sempre tão gordo como bom actor), Tommy Bond (um rapaz que tem o que em giria liceal se chama «ventas de patrulha»), Rafaela Ottiano («Madame Lupinsky»), e o nosso muito conhecido Siegfried Arno, que aparece de pera e bigode mas engraçado como sempre.

Os inumeráveis tios fardados da «Traquina» aparecem personificados por alguns velhos actores, uns que foram célebres e hoje estão esquecidos, e outros que nunca chegaram a ser famosos porque nunca passaram da categoria de «secundários» (como Fred Kelsey, Tom Dungan, Kenneth Harlan, David Oliver).

Vimos assim de novo alguns grandes nomes do cinema silencioso, como Maurice Costello, Noah Beery, Charles Ray, Monte Blue, Pat O'Malley, William Desmond, Edgar Deering — astros apagados que devem ter sentido uma grande alegria por terem podido aquecer-se de novo à luz dos *sunlights*. Simpática ideia, esta que Pasternak teve!

Gloria Jean continua a convencer. Só não subirá tão alto como as suas antecessoras no termómetro da popularidade, por não ter nascido uns anos mais cedo... A realização do filme, devida a Andrew Marton, tem alguns momentos felizes. Excelente tôda a parte musical, dirigida por Charles Previn (que aparece no papel do chefe da orquestra da rádio). Mas tanto o registo de som como a fotografia estão bastante prejudicados no contra-tipo da cópia exibida e, pelo menos na noite da estreia, foram pèssimamente servidos pela projecção, indigna de um salão de estreias. — D. M.

Colaboração dos Novos

Um obscuro do cinema o Abade Vachet e o Estúdio Bosco

Conheciam já o abade Vachet? Eu, por mim, confesso que não, até à data em que no «Sept jours» vi o seu nome. Trata-se, nem mais nem menos, dum cinéfilo, mas dum cinéfilo singular — se não quisesse ferir susceptibilidades chamava-lhe cinéfilo-puro. Chamamos-lhe no entanto singular porque duma singularidade se trata o que passamos a expor e que é no entanto bem compreendida pelos cinéfilos em geral, e em especial por aqueles que entre nós sabem o que significa fazer-se um filme por amor à arte. Mas, adiante:

Em Garenne-Colombes, subúrbios de Paris, mais precisamente, na rua *du Chateau* encontra-se um pequeníssimo «estúdio», o Bosco, cujo director é o Abade Vachet. Se Diógenes fôsse cineasta por certo ficaria satisfeito com aquela fábricazita de fitas onde por certo não caberia um produtor de Hollywood. No entanto êste «stúdio» chega bem para o bom do abade Vachet; nele cabe todo o seu simples e desinteressado amor ao cinema.

Claro que os filmes têm apenas um êxito local. Não são disputados pelas grandes casas distribuidoras — na terra onde nada é sagrado, talvez o fôssem, por excentricismo, para se admirar um bicho raro, talvez aleijado. Mas o abade vive feliz pois faz o que quere: é dono de si mesmo, embora parte do seu Eu seja pertença do cinema. Como moralizador, compreende todo o poder da cinematografia e serve-se dêle.

Em 1935 instalou os estúdios Bosco em Garenne-Colombes, mas já antes, em 1925 tinha o abade Vachet feito em formato reduzido «Une colonie de vacances» e no ano seguinte «Semeurs de vie», a sua primeira produção em formato profissional, custou a «importante» soma de 25.000 francos! Ultimamente fez-se em Bosco «Notre-Dame de la Mouise» que terminou precisamente no dia da declaração da guerra actual.

Mas o abade tem projectos, grandes projectos! Um dêles é fundar uma escola de cinema, porque na realidade deve ser preciso aprender muito para se fazer um «grande» filme por 25.000 francos. E isto, enquanto os grandes artistas ganham Oscars e os produtores os disputam dispendendo somas astronómicas!

O abade Vachet, no seu cantinho, na sua imagem purificada de Hollywood, trabalha possivelmente com alguns cobres. O articulista da revista que acima citei, chama ao «studio» Bosco o Hollywood dos pobres. Será, por certo, mas na sua pobreza, há um tal valor, uma riqueza moral, um tamanho amor platónico com que Hollywood não pode competir.

Cinéfilo simples, cinéfilo puro?... Porque não?

L. DA M.

PANORÂMICA

O Papa e o Cinema

Pelo seu indiscutível interêsse, transcrevemos da «Acção», com a devida vénia, a seguinte elucidativa notícia:

«Sua Santidade Pio XII assistiu, há pouco, numa sala dos aposentos particulares do terceiro andar do Vaticano, à projecção dum filme italiano, tendo feito, na ocasião, grandes elogios aos autores e realizadores da película. A propósito do grande interêsse que o Papa manifesta pela arte cinematográfica, recordam os jornais italianos que a introdução do cinema no Vaticano data de 1912, durante o pontificado de Pio X. Por ocasião da inauguração do novo campanário de S. Marcos, o antigo Patriarca de Veneza quis ver a cena que tinha sido filmada. Montou-se um «écran» na sala do Consistório e o Papa, muito emocionado, assistiu ao espectáculo, comentando em voz alta os quadros e designando pelos seus nomes os diferentes personagens que reconhecia na tela.

Já vêem aqueles que não ligam importância ao cinema que são... mais papistas que o Papa.

Atlante Filmes

Organizou-se recentemente uma nova entidade distribuidora de filmes que adoptou a razão comercial de *Atlante Filmes*.

Propõem-se os seus dirigentes a exploração em Portugal de filmes espanhóis apresentando-os quási simultâneamente com a sua estreia no país vizinho. Teremos assim ocasião de

A fim de tratar de assuntos referentes à sua organização partiu com destino a Madrid num dos últimos dias da passada semana o sr. Luiz Urquia director da nova firma distribuidora a quem desejamos um feliz futuro nos seus negócios.

O Correio de Bel-Tenebroso

1789 — LUIZ XV. — Viva, real senhor. Há quanto tempo te não lia! — Fiquei surpreendidíssimo com o que me contas. Não creio porém que houvesse qualquer intenção de te magoar e, pela minha parte, asseguro-te a verdade desta afirmação. É possível que a nossa correspondência, através de tantos anos, me houvesse autorizado a brincar contigo. Mas daí a ofender-te, vai um abismo. Fizeste bem, pois, em atirar com os ressentimentos (infundados, neste caso) para trás das costas e continuares a troca de impressões comigo. — A intérprete de *A sombra da lei* foi Ruth Hussey e não Rita Johnson. É uma artista excelente. — *Balalaika* não foi ainda exibida em cidade alguma de Espanha. Fantasia do teu amigo, quando te disse que a vira em Sevilha, há dois anos!

1790 — HELOISA. — Não se conhecem palavras portuguesas que definam com propriedade e dentro dos nomes académicos o que quere dizer «oomph» e «sex-appeal». — Basil Rathbone é um artista que está para descobrir. E digo-te isto, porque como tu, eu penso que êle pode fazer muito mais do que aquilo que tem feito...

1791 — VALENTINO. — Silvia Sidney está retirada dos estúdios, há algum tempo. Egnoro o que é feio dela. Douglas Fairbanks Júnior é filho do malogrado artista do mesmo nome e ex-enteado de Mary Pickford.

1792 — INIMIGO DO 2.º INTERVALO *(Barreiro)*. — O teu pseudónimo parece-me bastante cinéfilo. — Não me lembro de nenhum filme intitulado *O Anjo Pintado*. Não será *Anjos de Caras Negras* ou *Anjos da Rua?*

1793 — ELMAR *(Setúbal)*. — Êste leitor desejava possuir letras de canções de filmes. Os leitores ou leitoras que quiserem corresponder ao apêlo dêste consulente, deverão remetê-las, por meu intermédio.

1794 — OSVALDO DE SÁ. — Ignoro a razão que impediu a vinda a Portugal de *Lucky Night*. Às vezes, são questões de direitos de autor, relacionadas com os argumentos. — Acho que podes pedir às firmas produtoras a cedência de um catálogo da sua programação. É natural que muitas delas, satisfaçam êsse teu desejo. — Rochelle Hudson continua a filmar, ocupa um lugar de pouco relêvo, na constelação de Hollywood.

1795 — PIGMEU CINEMÓFILO *(Lisboa)*. Transmito as tuas saudações a *Pinochia*, que dizes conhecer, desde os tempos de *Cine-Jornal*.

1796 — FOTOGÉNICA *(Lisboa)*. — Tomo nota de que William Powell e James Stewart te enviaram fotos autografadas, ao fim de 70 dias. — *Três sem juízo* era, de facto, débil... Dizes tu, que não foram três, mas quatro sem juízo, pois englobas no número o realizador. Talvez tenhas razão *Fotogénica*.

1797 — UM FAN DE DOROTHY LAMOUR *(Coimbra)*. — Vivien Leigh, Clark Gable, Olivia de Havilland e Leslie Howard são os principais intérpretes de *Gone with the wind*. — Se bem que não goste do Nelson Eddy como actor, aconselho-te *Balalaika*. É o tipo do filme popular e comercial, sem transigências que o desdourem... — Considero *Furacão* um dos melhores filmes de Dorothy Lamour, se bem que a prefira ver nos papéis de *Princesa da Selva* e *Paixão Selvagem*.

1798 — ALECRIM DO NORTE — Escolhi êste rescendente pseudónimo, de preferência a «Rosmaninho». Ainda não consegui perceber se és «êle» ou «ela» se bem que me incline para esta última hipótese. O documentário da *Exposição do Mundo Português* foi apresentado na Festa do Secretariado para distribuição dos Prémios Literários de 1941 e deve começar a correr em breve nas telas portuguesas. — Transmito as tuas saudações a *Dinhamá* e *Donanfer*.

1799 — CALOIRO CINÉFILO. — «Grapes of Wrath» foi interdito pelas tendências sociais do seu tema. — *The Letter*, de Bette Davis, será apresentado em Portugal, no decurso da nova temporada. *Edith Cavell* foi proibido.

1800 — EL ESTUDIANTE. — Como tiveste ensejo de ver, já publicámos a biografia de Donald Meek, actor de minha particular simpatia. A tua alusão às «semi-fotografias», para designar a fase do duplo retrato-brinde, na mesma fôlha extra, fez-me lembrar a tabuleta da célebre barbearia «Semi-Ferroviária»...

1801 — SHIRLEY, AVIADORA. — A tua ideia de uma cotização mensal para o fundo do «Clube do Animatógrafo» é simpática, mas vai contra o espírito da ideia que o criou. No entanto a sugestão é de ponderar. Mas pergunto: estariam todos, como tu, prontos a contribuir, mesmo que se tratasse da cota mínima a que aludes?

1803 — C. F. DOURADO *(Loures)*. — Continuo a achar extremamente pitorescas as descrições do cinema aí da terra. Essas «funções», que findam com baile, devem ser extremamente saborosas. Pelo que me dizes, registam-se progressos... Óptimo!

1804 — I LOVE YOU, HELEN. — Já sabia da morte de Adrien Lamy, mais popular no Teatro do que no Cinema francês. — Estarás a divertir-te comigo, quando me perguntas os nomes dos novos filmes de Armando Miranda e Adolfo Coelho e bem assim, que papéis interpretam actualmente o Dr. Calheiros, Elisa Carreira, Paiva Raposo e o Dr. Eduardo Fernandes?...

1806 — SR. NINGUÉM. — Serás tu o romeiro de «Frei Luiz de Sousa?! Como sabes, quando lhe preguntavam quem era, êle dizia com voz cava e melodramática: «Ninguém». — Agora, as datas de nascimentos: Alice Faye, 5 de Maio de 1912; Errol Flynn, 20 de Junho de 1909; Melvyn Douglas, 5 de Abril de 1901. — E, meu amigo, mais de três preguntas por carta, não vale...

1807 — I LOVE YOU NÊNÊ *(Lisboa)*. — Quando é que Vv deixarão de me dizer, nos pseudónimos, que gostam dêste ou detestam aquele?!... Que interessa isso ao Cinema?! Homenagem, à deusa dos vossos sonhos... É preciso que ela tenha bom estômago, para aceitar o facto como uma homenagem... — Shirley Temple nasceu a 23 de Abril de 1929. Tudo quanto se disser, fora disto, são invenções da publicidade! — Graça Maria envia fotos aos admiradores que as solicitem.

1808 — RIO-RITA *(Silves)*. — Elisabeth Allan apareceu em *Miguel Strogoff*, *Navio Negreiro* e *A Dama das Camélias*. É uma actrizinha muito apreciável. — Fred Mac Murray nasceu a 30 de Agôsto de 1908.

Bel-Tenebroso

3.ª Série / N.º 74 / Preço $50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 2 9856. Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telefone P. B. X. 4 8276 / 4 1011 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL — Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Lisboa, 7 d Abril de 1942

PREÇO DAS ASSINATURAS

Ano .... 26$00
Semestre .... 13$00

Distribuidores exclusivos:

EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — L. Trindade Coelho 9-2.º (Telf. P. B. X. 2 7507), Lisboa

ANTOLOGIA

Jacques Feyder

As linhas que hoje arquivamos na Antologia de «Animatógrafo», assina-as Jacques Feyder, um dos mais sólidos valores e prestigiosos nomes da cinematografia francesa. Foram escritas já lá vai boa meia-dúzia de anos para prefaciarem a pequena mas tão interessante brochura de Jean Felix «Le Chemin du Cinema».

Em linhas de grande singeleza, Feyder alinha os argumentos mais sólidos, por serem também os argumentos mais sólidos, por serem também os mais evidentes e simples, a favor da necessidade dum cinema nacional, cumprindo, dentro das actividades de qualquer país, uma tarefa de grande valor e projecção.

O que Feyder diz da França e dum cinema francês podia escrever-se de Portugal e dum cinema português. As suas palavras valem pela boa doutrina que defendem. Mas valem ainda mais pela autoridade de quem as assina.

Feyder que realizou «Crainquebille», «Visages d'Enfants», «Les Nouveaux Messieurs», «Grand Jeu», «Pension Mimosas», que dirigiu Greta Garbo, que filmou em quási todos os estúdios da Europa, que ganhou Hollywood pelos seus próprios méritos — Feyder revelou-se sempre um realizador honesto, um profissional conhecedor, competente, incapaz de especular com as originalidades ou habilidades pretensa-' mente profundas, mas sempre cheio de uma fôrça interior duma profundidade, dum calor que lhe granjearam muito especial autoridade. Daí o dobrado valor das suas afirmações.

Do valor e da importância dum cinema nacional

Pelo interêsse apaixonado que suscita em todos os países do mundo, pelos problemas de ordem moral e artística que nos propõe, pela importância das questões económicas que levanta, o Cinema não deixa de fixar a nossa atenção e torna-se, pelas inumeráveis multidões que atrai, um dos mais cativantes assuntos da nossa época.

Está claro que eu não penso tentar, nalgumas linhas, tratar todos os aspectos dêste assunto tão vasto. Seja qual fôr o ângulo porque se aborde, as polémicas são ardentes e, longe de as pretender apagar prefiro ter o prazer egoísta de as ver com contentamento, parecendo-me que está nessa efervescência a melhor prova da vitalidade duma causa que sempre me foi querida.

No entanto, e apesar de tantas produções excepcionais que nos domínios mais diversos aumentaram os conhecimentos que nós temos dos homens e do universo, o Cinema não convenceu, ainda, todos os espíritos da França. Hoje mesmo continua a ser para muitos apenas uma distracção vulgar, um espectáculo concebido na desordem e na paródia, bom sòmente para satisfazer e ocupar os que nada têm que fazer. É, evidentemente, um ponto de vista muito sumário; mas eu não quero de maneira nenhuma, dirigindo-me a êsses espíritos superiores, obrigá-los a reconhecer à fôrça, que entre todos os filmes produzidos cada ano, a certos esforços, a certas tentativas se poderia conferir mérito artístico; longe de mim também o querer que lhe vejam que alguns dêsses «parodistas», à fôrça de paciência construiram magníficas «fábricas», deram de comer a muitos operários e empregados tal como os bons tecelões ou os honestos metalurgistas e quando foram publicados os relatórios de contas — ó surprêsa primeira — acusaram benefícios que foram invejados pelos seus confrades do algodão, da lã e do carvão; de maneira nenhuma pretendo também provar que a profissão de cineasta exige dons particulares muitas vezes excepcionais; exige conhecimentos exactos, uma cultura bem superior àquela que exigem, dos seus devotos, as profissões liberais; nem quero tentar a demonstração de que não é vergonha nem deshonra para uma honesta família burguesa, ver os seus filhos aspirarem a passar para o campo dos trabalhadores de cinema. Não. As minhas ambições não vão tão longe!

Eu gostava, muito simplesmente, de mostrar por um exemplo definitivo, a êsse franceses muito numerosos que o Cinema possui um formidável poder de propaganda, e que, hoje, um grande país que não produz filmes condena-se automàticamente por essa atitude, a ficar desconhecido (ou mal conhecido o que é mil vezes pior) do resto do universo.

Um homem da nossa província, que deixou a escola aos treze anos e nunca mais saíu da sua terra, deve fazer, seguramente, da existência dos povos e da sua história uma muito singular e obscura representação.

Muito gostaria de conhecer as secretas imagens que nascem dentro dêle quando ouve palavras como Columbia Pérsia, Romania... Há, no entanto um país que êle conhece tão bem como o seu, um país de que as gentes tem caras e costumes familiares, de que os hábitos, o temperamento não deixam de lhe grangear a sua admiração: é a América. Êste homem francês que, além das técnicas do seu ofício, não sabe mais nada, conhece contudo como vive noutro continente a gente do campo, nas cidades, à beira-mar, ou nas planícies. Sem dar por isso o nosso homem adquiriu mesmo algumas noções de história da América; êle está um pouco ao corrente das aspirações dêsse povo, conhece a sua marinha, e a sua aviação, os seus arranha-céus e os seus portos, o seu poder de organização; é para êle uma grande nação que êle admira e que representa incontestàvelmente uma fôrça magnífica e temível.

Em contrapartida que sabe êsse homem de qualquer outro país? Isto também é verdade para um cultivador de algodão de Virgínia ou para um mineiro de Kentuchy — homens que ignoram completamente a França, tem dela uma representação primária, quási cómica.

Nos filmes executados em Hollywood que evocam a atmosfera duma cidade ou duma aldeia francesa, tudo se passa como num cenário de opereta. Que prestígio se pode emprestar a êsses campónias franceses constantemente mascarados que dançam ao som de gaita de foles ou aos cidadãos parisienses que passam os dias em festa, perpètuamente sentados no Moulin-Rouge. A esta carência da nossa própria publicidade, juntam-se os efeitos duma contrapropaganda que acaba por nos meter a ridículo. A nossa literatura, nossa arte, não levam a sua influência, num país estrangeiro senão a um grupo de intelectuais; a grande massa continuará sempre a julgar-nos pelas imagens absurdas que lhes oferecem para pintar a nossa existência.

Só sob êste aspecto realista e bem modesto, pelas razões que deixo ditas, seria de aconselhar que finalmente se quisesse considerar unânimente o Cinema como alguma coisa mais que um simples brinquedo, como uma actividade séria, prenhe de conseqüências, cujo bom desenvolvimento interessa todos os habitantes dum país. Desde que a necessidade, a incontestável necessidade para uma nação como a nossa de se ver representada com a sua alma verdadeira com a sua verdadeira fisionomia, em todos os *écrans* do mundo seja vivamente reconhecida, os outros problemas, indicados mais acima encontraram ràpidamente as suas soluções.

O importante, o mais urgente hoje não é saber quais os princípios estéticos que deverão inspirar as nossas mensagens ao universo — mas sim persuadir tôda a gente da necessidade desta cruzada.

BETTY FIELD e RAY MILLAND

vão interpretar juntos a comédia «O Sr. e a Sr.ª Cugat»

Betty Field, que hoje está já gozando uma situação privilegiada no mundo do cinema, graças ao seu talento e à sua personalidade, que um filme apenas bastou para impor como uma das mais sensíveis e inteligentes actrizes, tem atrás de si um magnífico passado teatral.

Broadway revelou-a, impondo-a depois em obras teatrais que tiveram invulgar carreira, como em «The Shanghai Gesture», de que foi feita recentemente uma adaptação cinematográfica, como em «Three men on a Horse», tal como no famosíssimo «Boy Meets Girl» — uma *charge* mais ou menos contundente aos hábitos da gente de Hollywood e que James Cagney, Marie Wilson e Pat O'Brien viveram na tela — ou ainda em «What a Life».

Foi precisamente durante um espectáculo teatral, que Tom Reed, um dos mais argutos «talent scouts» de Paramount, a descobriu para o cinema, quando ela interpretava a protagonista de «Primrose Path», precisamente o mesmo papel que Ginger Rogers interpretava em «Sonhos de Rua», que mais não era que uma adaptação daquela peça que entre nós passou com o título de «Sombras da Rua». Como a tantas outras vedetas do palco, Hollywood contava com mais uma conquista, cujo nome, pouco depois devia chamar sôbre si a atenção. Depois de ter aparecido no filme «Seventeen», ao lado de Jackie Cooper, o seu grande triunfo em «Of Mice and Men», o belo filme cuja apresentação «Animatógrafo» teve a honra de patrocinar. Segue-se-lhe «Victory» ao lado de Frederic March, já estreado entre nós, e por fim «The Shefferd of the Hills, uma bela obra cuja acção passa numa região montanhosa onde pontificam os «hill billies», cujas típicas canções os discos e os filmes de «cow-boys» nos têm feito ouvir.

Agora Betty Field está interpretando um novo filme, dum género absolutamente diferente daqueles em que tem aparecido. Intitula-se «Mr. and. Mrs. Cugat», uma comédia ligeira, aparecendo ao lado de Betty Field o conhecido Ray Milland, que personifica um banqueiro, fazendo ela o papel da sua jovem mulher. O argumento é tirado duma novela muito popular de Isabel Scolt Rorick, que tem o mesmo título do filme.

A Família Hardy

VAI APARECER NOVAMENTE



Mickey Rooney
O célebre Andy Hardy

Os filmes da Família Hardy continuam a ser o espectáculo preferido do espectador médio americano, que não se cança de ver e rever as aventuras dos familiares do Juiz Hardy, em que as proezas mirabolantes do rebento constituem a principal, se não a única razão de ser, da série.

Um novo filme, o décimo segundo da série, está agora a ser realizado nos estúdios da Metro Goldwyn Mayer, e intitula-se «The Courtship of Andy Hardy». O filho Hardy, que desta vez é mecânico numa garage para ocorrer a certas despesas feitas no seu último filme, e o próprio Juiz Hardy empenham-se agora em reünir um casal divorciado, cuja filha passa a ser a mais fantástica paixão do nosso Andy.

Tomam parte no filme, que como sempre — excepção feita ao que Van Dyke dirigiu — terá Gorge B. Seitz por encenador, Lewis Stone, Fay Holden, Ann Rutherford, Sara Haden, voltando depois de uma ausência de duas fitas, Cecília Parker a fazer a irmã de Andy. Dois novos intérpretes se estreiam neste filme — Donna Reed, na nova apaixonada, e Steve Cornell, nova descoberta do produtor Mervyn Le Roy, descobridor de Lana Turner e de Patricia Dane.

RICHARD GREENE

interpreta o filme inglês «Fortaleza voadora»

A carreira americana de Richard Greene, actor inglês que há meia dúzia de anos trocara os estúdios de Londres pelos da 20th Century-Fox, onde estava ocupando já um lugar de importância, foi interrompida com a guerra, que obrigou o intérprete de «Kentucky», o belo filme colorido que há tempos vimos no Odéon, a voltar ao seu país para aí prestar os seus deveres de soldado.

Richard Greene, cujo último filme feito em Hollywood fôra a versão americana de «Fui uma aventureira», que teve Edwige Feuillère na protagonista e no qual tinha por «parceiros» Zorina e Eric Von Stroheim, que neste filme fazia a sua reentrada em Hollywood depois de longa ausência, logo que chegou a Inglaterra foi chamado a participar no filme «Unfinished Story», de que oportunamente falamos.

De novo Richard Greene deixa o regimento a que pertence, para voltar ao trabalho dos estúdios, como primeira figura dum novo filme, presentemente em realização nos «ateliers» de Teddington.

Tal como aquele outro filme, esta nova produção será uma película de propaganda, em que a aviação tem um papel primordial. Intitula-se «Flying Fortress», e baseia-se num argumento original de Brock Williams, sendo da sua autoria e de Edward Dryhurst o respectivo «cenário».

Ao lado de Richard Greene, que em «Fortaleza Voadora» interpreta a figura de um rico e desocupado americano que se inscreve nas Fôrças Aéreas do Canadá, e o qual, já em Inglaterra, comanda um daqueles bombardeiros em vários «raids» contra Berlim, tomam parte Carla Lahmann, uma canadiana que foi já a intérprete de «Paralelo 49», outro filme em que a guerra actual serve de pano de fundo, interpretando agora o de uma ousada jornalista americana fazendo serviço como correspondente de guerra, em Londres, e Donald Stewart, num oficial aviador.

Walter Forde, que foi outrora um actor cómico de renome no cinema do seu país e é hoje um realizador competente, é quem dirige «Fortaleza Voadora».

Notícias de ESPANHA

● O realizador Iquino vai dirigir um filme baseado na biografia do grande compositor espanhol Granados, de que será primeira figura o tenor Pablo Civil.

● Arturo Perez Camarero é o realizador do documentário recentemente concluído, que tem por título «Sevilla, Giralda de España», uma réplica às «sevillanadas de pandeireta», sob o patrocínio de corporações da famosa cidade. Joaquim Romero Murube escritor e comissário de Belas Artes foi o conselheiro artístico do filme, que Tomás Terol fotografou tendo o actor Fernandez de Cordoba feita a locução.

● Célia Gámez a célebre vedeta espanhola que o Trindade ultimamente apresentou, vai ser intérprete da adaptação cinematográfica da opereta «Treinta años después», que Andrés A. Arts está escrevendo.

● Nos estudios Trilla-Orphéa, de Barcelona, vai ser realizado o filme «El abuelo», baseado na obra de Perez Galdós, e que o realizador Gonzalo Delgrás dirigirá, segundo um «cenário» escrito por sua mulher Margarita Robles. Serão seus interpretes Enrique Borrás e Marta Santaolalla, conhecida vedeta do cinema espanhol.

● «Mi adorable secretaria», das Producciones Cinematográficas Ritmo, e que Pedro Puche dirigiu está já concluida, é interpretada por Maruchy Fesno, jovem actriz muito popular no país vizinho, Luiz Prendes, Lily Vicenti, José Prada, Jesus Navarro, José R. Jiner, Ricardo Fuste, José Asmon e Enrique Perez. Segismundo Perez de Pedro foi o operador, sendo a música assinada pelo famoso José Padilla e por Azagra. Foi filmado nos estudios Lepanto, de Barcelona.

EM FRANÇA

Pierre Fresnay, Marie Déa e Pierre Renoir

principais intérpretes dum novo filme

Dentre os escritores franceses, O. P. Gilbert é sem dúvida um dos que com mais freqüência tem tido as suas obras adaptadas ao cinema.

Depois de «Mollenard», de ambiente clàssicamente policial, foram levados ao cinema «La Piste du Sud», «Nord-Atlantique», um filme que a guerra não deixou concluído, embora estivessem concluídos todos os exteriores, que decorriam em pleno oceano a bordo dum rebocador de alto mar, e de que Jean Gabin e a nova vedeta Marie Déa eram os protagonistas; assim como dois outros argumentos extraídos da sua obra «Courrier d'Asie» — «Les Pirates du Rail», cuja acção se passava na Indo-China com Inkijinoff, o célebre protagonista de «Tempestade na Ásia» por intérprete e «Le Drame de Shangai», em que a China servia de ambiente a uma acção de mistério.

O. P. Gilbert, é de novo o autor dum argumento, desta vez escrito expressamente para o cinema, o qual tem por título «Le Journal tombe à 5 heures» de que André Legrand fez a adaptação cinematográfica e que está sendo realizado em Paris.

Interpretam o filme Pierre Fresnay, um actor de teatro de grande categoria, marido de uma outra categorizada figura da cena francesa, Ivonne Printemps, — foram ambos já os intérpretes da versão cinematográfica da opereta de grande êxito «Trois Valses» exibida há umas três épocas entre nós — Marie Déa, que se revelou ao lado de Maurice Chevalier em «O Mistério das Onze Desaparecidas», e que ao lado de Fresnay interpretou já o filme «Le Premier Bal», e Pierre Renoir, comediante de valor, irmão do realizador Jean Renoir.

SHAKESPEARE NO CINEMA

A obra de Shakespeare, grande parte delas pelo menos, têm sido levadas ao cinema, embora com maior ou menor felicidade, com maior ou menor respeito, atraiçoando ou não o seu espírito.

Presentemente, de novo, uma nova transposição desta última obra do mestre de Stratford on Avon vai ser feita para o cinema, desta vez em Itália.

F. M. Poggioli, um dos novos realizadores italianos, que é também com Sergio Amidei o autor do «scenario» — o filme apresenta a curiosa particularidade da acção decorrer nos nossos dias, passando-se em plena Roma — dirige essa nova adapatação

Dorothy Lamour

vai interpretar um grande êxito de CLARA BOW

Um dos grandes êxitos de Clara Bow, então no apogeu da sua glória, na época em que recebia por semana uma média de quatro mil cartas dos seus admiradores de todo o mundo, foi o filme «The Fleet's In», que entre nós se intitulava «A Noiva da Esquadra», cujo argumento, como o seu título em português deixa claramente perceber, tinha a esquadra americana por pano de fundo.

Agora a Paramount foi de novo buscar aos seus arquivos o argumento dêsse mesmo filme, e como sucedera vai para quinze anos, escolheu para o interpretar a sua mais popular vedeta de hoje — Dorothy Lamour.

Ao lado de Dorothy Lamour, que interpretou recentemente «Caught in the Draft», ao lado de Bob Hope, e «Aloma of the South Seas», um filme em Technicolor em que ela volta a vestir (?) o seu famoso «sarong» e a ter como parceiro John Hal, que com ela interpretou o celebrado «Furacão», tomam parte também William Holden e Eddie Bracken, um novo actor cómico que vimos pela primeira vez em «Raparigas a mais», vivendo os papeis que na primeira versão foram confiados a James Hall e Jack Oakie. Tomam parte também duas novas artistas de cinema — Betty Jane Rhodes, que fez um nome como cantora da rádio e Phyllis Ruth que dos teatros ligeiros da Broadway veio para Hollywood.